

Tradução do Artigo publicado no geral „Die Zeit“ N° 45, de 30.10.2003

O Continente doente

Um médico fotografou os seus pacientes africanos.
As suas fotos foram agora mostradas em Berlim

África ? Sobre esta palavra já desde há anos que a muitos médicos ocorre apenas isto: Sida. E efectivamente dos três milhões de vítimas da imunodeficiência que anualmente morrem, dois milhões são do continente do sul. E deixam atrás de si onze milhões de crianças órfãs.

A África do Sul é a mais atingida pela epidemia. Cinco milhões de pessoas vivem lá com o bacilo no sangue. No Kwazulu-Natal, de onde são originários os Zulus, a taxa oficial de infecção atinge quase 40 por cento. Em zonas rurais e bairros pobres os peritos estimam que existam 80 a 90 por cento de infectados. Há muito tempo que esta epidemia ultrapassou a atenção que desde há séculos mantinham os praticamente inalterados males que deixavam furiosos quem os “apanhava” nas zonas tropicais: malária, febre amarela ou a doença do sono. Os debates sobre os medicamentos mais baratos contra o vírus do HIV fazem quase esquecer o facto de que faltam a muitos Africanos os medicamentos mais simples e que custam apenas alguns cêntimos.

Quando Miguel Ribeiro concluiu a sua especialização na África do Sul, entre 1980 e 1991, ainda a Sida não dominava o quotidiano dos hospitais. O médico português de doenças internas e medicina tropical encontrou em Atteridgeville, um subúrbio “negro” de Pretória, uma diversidade de males, que ele também conhecia da Europa.

Em Kalafong, um hospital que só tratava negros, é que Ribeiro se apercebeu de que as imagens de doença nos seus pacientes eram extremamente marcantes. A freqüente falta de acompanhamento médico naquele continente é responsável pelo facto de as doenças apresentarem formas evolutivas que nos países industrializados são praticamente desconhecidas.

Para ter material para observação nas aulas de medicina, Ribeiro começou a documentar fotograficamente, com o consentimento dos seus pacientes, os seus padecimentos. As imagens de doença – infecções crónicas, síndrome de Marfan, doenças do miocárdio, lepra ou cancro do esófago – eram o ponto fulcral das fotos. Os pacientes propriamente ditos mantêm-se anónimos.

Quando o Museu da História da Medicina do Hospital “Charité” de Berlim iniciou o primeiro contacto com Ribeiro, em 2001, as reacções às fotos médicas foram divergentes. “Por um lado elas fascinavam pelo calor humano, pela forma como os pacientes nelas irradiavam, pela sua dignidade”, diz Thomas Schnalke, Director do Museu. “Por outro lado, muitos dos padecimentos nelas retratados pareciam atrozes demais e os olhares sobre o sofrimento pessoal pareciam demasiado pessoais/particulares”.

Agora Schnalke acredita, que pode ousar mostrar as fotos ao seu público, depois de ele as ter anotado com os seus comentários e textos de apoio – sem que lhe seja atribuído um “voyeurismo”. Afinal de contas nelas é evidente “uma força, um vigor, uma vontade de viver e de sobreviver”, que conferem dignidade ao fotografado. Eles tornam-se, diz Schnalke, “ícones da doença na sua manifestação total e simultaneamente numa peça de Arte”.

Ao fim e ao cabo o Médico Miguel Ribeiro ousou, diz o fotógrafo sul-africano David Goldblatt, “encontrar a beleza onde outros médicos, práticos, teriam unicamente interesse em objectivar os sujeitos dos seus estudos clínicos e forênsicos, e onde as pessoas, de uma maneira geral, estão habituadas a desviar os seus olhos com medo e abjecção”.

A Sida e as diversas doenças dela derivadas como a tuberculose podem entretanto ter sido “empurradas” para o centro das atenções. As fotografias, são assim, diz Schnalke, um pedaço de História da Medicina. E de facto estas fotos mantiveram-se actuais. Elas mostram pessoas de um continente, que ainda e sempre continua a padecer com doenças, muitas das quais nós julgávamos já vencidas.